

3207 1225



JOÃO VIEIRA JR

Paz para fumar cachimbo, um prazer reconquistado na nova aldeia

Peruíbe

Índios expulsos acham área para instalar a nova aldeia

Depois de muitas brigas, ameaças de morte e até a expulsão da tribo, algumas famílias da Aldeia Bananal, de Perúibe, finalmente conseguiram uma área para ocupar: são 120 pessoas, que agora compõem a Aldeia Piaçaguera, instaladas em um terreno de aproximadamente 2 mil alqueires no Bairro da Estância Santa Cruz, em Perúibe. A definição do caso,

porém, ainda vai depender de uma ação de bastidores da Fundação Nacional do Índio (Funai), mas nenhum integrante da nova tribo pensa na possibilidade de uma reviravolta no caso. Um dos pivôs da crise na Bananal, o cacique Davi Honório Cardoso (expulso pela família do cacique João Gomes) não vai morar na nova aldeia. **Cidades, B-1**

1696 (viii)

Resolução

Índios expulsos acham área para nova aldeia

Local, denominado pela tribo de Piaçaguera, tem 2 mil alqueires e fica no Bairro da Estância Santa Cruz

FOTOS JOÃO VIEIRA JÚNIOR

Da Sucursal

Depois de brigas, discussões, ameaças de morte e até a expulsão da tribo, algumas famílias da Aldeia Bananal, de Peruíbe, finalmente conseguiram uma área para se instalar. Isso significa que, pelo menos até agora, todo o problema, que se arrasta há meses, teve um final feliz. A definição do caso, entretanto, ainda vai depender de uma ação de bastidores da Fundação Nacional do Índio (Funai), mas ninguém da nova tribo pensa na possibilidade de uma reviravolta no caso.

Um dos pivôs da crise na Bananal, o cacique Davi Honório Cardoso, que foi expulso da aldeia pela família do cacique João Gomes, não vai morar na nova tribo, pelo menos por enquanto. Alguns membros de seu grupo, no entanto, já estão entre os 120 membros da nova Aldeia Piaçaguera, instalada em uma área de aproximadamente 2 mil alqueires no Bairro da Estância Santa Cruz, em Peruíbe.

Apoio — Para comemorar o desfecho, pelo menos temporá-



Para comemorar a criação da nova aldeia e o desfecho do caso, os índios fizeram ato público na Rodovia Manuel da Nóbrega

rio, do caso, os 120 índios realizaram, sábado, na Rodovia Padre Manuel da Nóbrega, no trecho do Santa Cruz, o Ato de Apoio dos Povos Indígenas Tupi-Guarani e Guarani do Litoral Sul Paulista pela Terra, Educação e Saúde.

O ato foi a maneira encontrada pela tribo para cobrar do Poder Público a legalização da nova área. Conforme explicou o

assessor de Educação da Associação Tupi-Guarani Awa Nimbongeredju, professor José Carlos dos Santos, os índios ocuparam o terreno no dia 17 e, imediatamente, acionaram a Funai para que o órgão providenciasse a documentação necessária para a legalização.

"O mais importante é que a Funai conseguiu comprovar que esta é uma área que já

pertenceu aos índios, conforme consta de um documento nos arquivos do Governo do Estado. Agora, espera-se que, com o ato, essas terras sejam definitivamente demarcadas para que os índios possam tirar delas a sua subsistência. Mas, a legalização da área e a documentação definitiva dependerão do trabalho da Funai", explicou o professor.

José Carlos afirmou, ainda, que a primeira área oferecida pela Funai para a instalação da nova tribo — na Juréia —, não foi aceita por questões religiosas. A informação foi confirmada pelo vice-cacique da nova tribo, Elias Samuel (ou Auadju Tupã, em tupi-guarani). "Há cerca de 50 anos, já existia uma aldeia nessa área. Meus pais, inclusive, moraram aqui. E é nesse local que mantemos a tradição dos guaranis e tupis-guaranis".

E a preocupação em arrumar um local para os índios se instalarem tem uma explicação, segundo José Carlos dos Santos. "Eles (os índios) precisam realmente dessas terras, porque, se não tirarem o sustento daqui, serão obrigados a morar em favelas da periferia".

Terreno, agora, precisa ser legalizado

A nova Aldeia Piaçaguera (que em tupi-guarani significa Por Onde Andavam Os Antigos) já é uma realidade para os 120 índios. Eles já providenciaram, inclusive, a montagem de cinco ocas e da casa grande, onde eles fazem suas rezas.

A área é cercada pela vegetação de Mata Atlântica e está repleta de aves e outros animais. Ontem, inclusive, um pica-pau alimentava-se no local, indiferente à presença da equipe de reportagem e de outras pessoas.

E, assim como o vice-cacique Elias Samuel, a tribo já tem também o seu, ou melhor, a sua cacique, que é Catarina Delfina dos Santos, a primeira mulher a assumir a responsabilidade por uma aldeia, no Litoral Sul.

O professor José Carlos dos Santos explicou que, a partir de agora, faltará apenas a legalização do terreno para que os índios comecem a definir as áreas que cada família terá para plantar.

Posseiros — Um problema, entretanto, pode causar preocupação aos índios. O local onde está a nova aldeia já é ocupado por posseiros e moradores de Peruíbe — há, inclusive, uma mineradora nas terras —, que podem entrar em atrito com os indígenas por causa do terreno.

Indagado sobre o problema, o índio Raimundo Samuel dos Santos, presidente da Associação Awa Nimbongeredju, foi enfático. "A tribo quer a área apenas para que os índios consigam sobreviver. Ninguém quer brigas com posseiros ou quem quer que seja. Vamos brigar pela terra, mas sem expulsar ninguém. Quem vai decidir se alguém tem ou não que sair é a Funai".

A mesma opinião é compartilhada pelo vice-cacique Elias Samuel. "A questão está nas mãos das autoridades. Elas terão que brigar pela legalização".

E, ressaltando que só querem realmente um lugar para morar e tirar sua subsistência, Raimundo desabafa. "Toda essa terra (fazendo alusão ao Brasil) é nossa (dos cerca de 300 mil índios que ainda vivem no País), mas nós queremos apenas um pedaço dela para podermos sobreviver. Nós não somos egoístas como os brancos".



Ocas e local para as rezas já estão sendo providenciados

O ato organizado, de acordo com o professor José Carlos dos Santos, foi uma maneira também de pressionar o poder público para que instale, definitivamente, uma escola e um posto de saúde em cada uma das quatro — agora cinco — aldeias indígenas do Litoral Sul.

A deputada Mariângela Duarte (PT), que há anos vem lutando pelos índios da região, esteve presente e aproveitou a ocasião para entregar ao professor uma pasta contendo documentos sobre como a questão da educação indígena vem sendo tratada pelo Governo do Estado. "Como pode o poder público praticamente esquecer desse povo que mora no Litoral Sul?"

"Veja o exemplo de Bertioga, onde o prefeito Luiz Carlos Rachid já está providenciando a construção de uma escola na Aldeia do Rio Silveira. Aliás, digase de passagem, esta é a aldeia mais desenvolvida da região e já tem, inclusive, um bellissimo posto de saúde. Agora, não dá para entender por que isso também não é feito aqui".